

Projeto Casulo: uma experiência de educação sexual no ensino fundamental

Cocoon Project : an experience with sexual education in elementary school

Luiz Carlos Castello Branco Rena*

RESUMO: Relato de uma experiência de educação sexual na 4ª série do Ensino Fundamental de uma escola privada de Belo Horizonte. Apresentamos as condições de implantação do programa, defendemos uma concepção de educação sexual, discutindo a pertinência da intervenção pedagógica no campo da sexualidade com grupos de adolescentes e compartilhamos uma experiência de sala de aula avaliando o impacto da ação educativa sobre os agentes envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência. Sexualidade. Educação

ABSTRACT: This paper presents an experience with sexual education in the fourth grade of a private elementary school in Belo Horizonte, Brazil and the conditions under which it was implemented. We defend a concept of sexual education and discuss the relevance of pedagogic intervention in the field of sexuality with adolescent groups. We also share a classroom experience to evaluate the impact of educational action on the agents involved.

KEY WORDS: Adolescence. Sexuality. Education

1 Introdução

Entre tantos desafios enfrentados por pais e educadores neste final de século, as questões relacionadas à vivência da sexualidade na infância ou adolescência têm recebido destaque. Há um mal estar instalado nas famílias, nas escolas e na sociedade quando a discussão do que fazer com crianças e adolescentes que estão se defrontando com seus próprios desejos e sentimento, envolvidos por um contexto sócio-cultural marcado pela exacerbação do erotismo, pela banalização das relações de intimidade e pela “coisificação”

* Pedagogo e Mestre em Psicologia Social pela UFMG, Professor Assistente III do Curso de Psicologia da PUC Minas – Unidade Betim; Coordenador do Centro de Estudos da Infância e Adolescência – CEIA. E-mail: luizrena@uaivip.com.br ou luizrena@pucminas.com.br

do corpo e da pessoa. Vivemos um momento de profunda crise ética na sociedade contemporânea tornando ainda mais difícil a vivência da saudável crise¹ inerente ao processo de adolecer. A crise ética a que nos referimos atinge, com a mesma amplitude e intensidade, crianças e adolescentes que passam grande parte do seu tempo nas salas de aulas, nos corredores e pátios das nossas escolas.

Educar e educar-se afetiva e sexualmente, construindo homens e mulheres livres e responsáveis neste contexto adverso, é o desafio colocado para todos os profissionais envolvidos com o mundo adolescente, estejamos atuando com pesquisa ou intervenção. A resposta a esse desafio exige a superação da dicotomia entre corpo e alma e o reencontro da pessoa com a unidade inserida no contexto social. Implica reconhecer-se nessa totalidade – incluindo o seu sexo e a forma com que expressa o fato de ser sexuada.

2 Um pouco de história

Em fevereiro de 1996, como pedagogo especializado em educação sexual e ainda sem vínculo formal com uma instituição educativa, apresentei à direção de um colégio particular de Belo Horizonte, um projeto de intervenção no campo da sexualidade, destinado aos alunos do Ensino Médio. O projeto consistia em realizar oito oficinas durante um semestre letivo onde seriam abordados os desafios colocados pela vivência da sexualidade na adolescência.

Surpreendentemente, a direção respondeu a essa provocação apresentando outro desafio: realizar uma intervenção nas turmas de 5ª a 8ª série. Discutindo essa nova proposta foi possível incluir uma sondagem para investigar o nível da informação, das experiências afetivas e sexuais mais comuns entre o alunado e, as fontes de informação disponíveis no cotidiano desses adolescentes. Para realizá-la tivemos acesso a cada uma das turmas de 5ª a 8ª série e, durante cinquenta minutos, coletamos as informações através de questionário estruturado, não identificável e auto-aplicável. Alunos e alunas² foram convidados a colaborar com nosso esforço, sem que a atividade tivesse caráter obrigatório. Todos

¹ Aqui adotamos a noção de crise conforme a etimologia da palavra: momento de escolha, tomada de decisão.

² Participaram da sondagem 479 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre de 11 a 15 anos, provenientes, em sua maioria, de famílias de nível sócio econômico elevado.

responderam positivamente. No segundo semestre do mesmo ano retornamos às salas de aula devolvendo aos adolescentes os resultados mais significativos. A devolução dos dados constituiu-se na primeira intervenção nas turmas, permitindo uma avaliação das possibilidades de implantação de um programa de educação sexual, bem como a escolha do modelo mais adequado para nossa ação pedagógica. Abaixo apresentamos alguns dados mais significativos:

- a) 80% avaliou a educação que recebia como tradicional;
- b) 58% já haviam vivido a experiência de “ficar”;
- c) 33,5% declararam ter namorado(a), sendo que 60% desse grupo se relacionava com parceiros entre 15 e 20 anos;
- d) 42,5% apontaram os amigos como fonte de informação e diálogo sobre sexualidade; 22% apontaram as mães e 5,5% indicaram os pais;
- e) 40% tinham acesso a vídeos pornográficos;
- f) 7,5% já possuíam iniciação em experiências sexuais;
- g) 43,5% ignoravam a dinâmica do ciclo reprodutivo feminino;
- h) 9,5% tiveram a primeira relação entre 4 e 10 anos e, 17% entre 11 e 15 anos;
- i) 21% permitiriam relação sexuais fora do namoro e 43% havendo namoro; 18,5% só após o casamento;
- j) assistir tevê foi indicada como a prática mais presente no dia-a-dia de 60% dos adolescentes;
- k) 60% já haviam experimentado bebida alcoólica e 5,5% declararam ingerir alguma bebida alcoólica pelo menos uma vez por semana;
- l) 3,5% declararam fazer uso de algum tipo de droga entorpecente.

Paralelamente ao trabalho de devolução dos dados aos alunos, foi sugerido às professoras da primeira fase do Ensino Fundamental – 1ª a 4ª série – uma oportunidade de formação no campo da sexualidade. Cumprimos uma agenda de dez oficinas, com duração de quatro horas, perfazendo um total de 40 horas de trabalho, abordando temáticas fundamentais relacionadas à sexualidade humana. Para além da discussão conceitual, as professoras foram envolvidas em vivências de grupo que permitiram o enfrentamento dos

sentimentos que inevitavelmente emergem quando compartilhamos o esforço de compreender a sexualidade.

Era preciso sensibilizar e preparar os alunos para uma atitude positiva frente a sexualidade e, para acolher um programa nesse campo, as educadoras da primeira fase podem colaborar muito, quando devidamente preparadas.

A iniciativa de implantação do programa, prevista para 1997, foi antecipada para atender à demanda de urgência de pais e professores de alunos da 4ª série. Situações complexas, envolvendo a sexualidade, exigiam intervenção imediata. Era preciso problematizar práticas e posturas que estavam ocorrendo entre os alunos, tais como invasão da intimidade do outro, manipulação desrespeitosa do corpo do colega, uma excessiva erotização dos objetos, estratégias de sedução associadas à chantagem e ameaças de isolamento, práticas homofóbicas que resultavam na exclusão de alguns meninos, entre outras atitudes que banalizavam o corpo e a sexualidade. Esse contexto exigia a abertura de espaços para que meninos e meninas expressassem suas angústias, seus sentimentos e suas dúvidas em relação ao processo de construírem-se como homem ou como mulher.

Durante o último bimestre do ano letivo de 1996 realizamos três oficinas com as turmas da 4ª série, abordando sobretudo o corpo e suas relações. A avaliação espontânea oferecida pelos alunos e suas famílias nas reuniões de encerramento do ano letivo, foi bastante positiva e fundamental para a decisão pela continuidade. Em fevereiro de 1997 os alunos da 4ª, já na 5ª série, retomavam as atividades do programa e os da 4ª série eram iniciados no Projeto Casulo. Ao longo de cinco anos, esse projeto constituiu-se como um programa de ações sistemáticas junto aos alunos e alunas de 4ª, 5ª, 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental, visando a informação e a formação no âmbito da afetividade e da sexualidade humana.

3 Adolescência: tempo de indagar sobre a vida

Fomos buscar na natureza uma imagem que pudesse traduzir nossa compreensão da puberdade e da entrada na adolescência. Viver a puberdade é fazer a experiência do casulo. A ação dos hormônios provoca a “morte” do corpo infantil (KNOBEL; ABERASTURY, p.10, 1988) . Assim como a lagarta, o corpo infantil desaparece e dá lugar a um novo corpo, com outra imagem, investido de uma competência erótica capaz de

experimentar e mobilizar o desejo. Esse novo corpo, agora investido de potencial erótico, está dotado de um novo poder: *o poder da reprodução*. Como que nascendo novamente, o adolescente experimenta a dor e a alegria do parto. Essa experiência contraditória, de quem vive o luto e celebra a vida, tem repercussões profundas nas redes intrincadas desse sujeito adolescente.

Não lhe basta abandonar o corpo infantil é preciso deixar para trás a condição de criança. É preciso aprofundar a construção do sujeito autônomo, independente, capaz de discernir e fazer escolhas fundamentais no encaminhamento de seu projeto de vida. Isso implica o esforço em deixar de ser lagarta, com o horizonte restrito á lentidão de movimentos e, tornar-se borboleta, passando a ver o mundo de cima, com autonomia de vôo e, com o horizonte alargado pela possibilidade de suas asas. Ao tecer os fios dessa nova identidade sobre o tecido aberto da identidade infantil, o adolescente experimenta um momento privilegiado de problematização da sua existência:

O jovem não apenas necessita interiorizar valores éticos sócio-culturais mas, também, questioná-los, para aceitá-los ou rejeitá-los, e principalmente, para se mostrar capaz de questionamento e julgamento provando ser um membro adulto da sociedade.(AFONSO, 2001, p. 42).

O Projeto Casulo, enquanto programa de educação sexual, propunha-se a proporcionar vivências onde as respostas para as questões intrigantes, que mobilizam meninos e meninas para o diálogo, resultassem da construção coletiva no contexto de atividades de reflexão e livre expressão do pensamento. Pretendia-se assegurar um espaço onde a dimensão afetivo-sexual fosse reconhecida, valorizada e compartilhada num clima de respeito e cumplicidade, problematizando tabus e preconceitos que estão subjacentes às atitudes e práticas desse cotidiano adolescente assim como sugere o Ministério da Educação:

Sabe-se que as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não satisfação gera ansiedade e tensão. A oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões contribui para o alívio das ansiedades que, muitas vezes,

interferem no aprendizado dos conteúdos escolares. (BRASIL, 1997, p.113).

Mas, o Projeto Casulo, enquanto esforço da escola envolvendo os demais profissionais atuantes no Ensino Fundamental, não poderia ser suficiente para assegurar as condições necessárias ao desenvolvimento psico-sexual dos adolescentes. No cenário onde esse desenvolvimento se processa há vários atores influentes. Entre todos, a família desempenha um papel fundamental e intransferível. Neste sentido, é preciso encontrar na família possibilidades de continuidade e aprofundamento:

As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. De fato, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. Pode-se afirmar que no espaço privado, portanto, que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais construirá sua sexualidade na infância. (BRASIL, 1997, p.112).

Portanto, todos somos responsáveis por oferecer as condições que os adolescentes necessitam para que possam se construir como homens e mulheres livres e responsáveis no exercício de sua sexualidade. Tendo como referência a concepção do construcionismo social – perspectiva presente em diversos autores (CHAUÍ, 1985; BERGER; LUCKMANN, 1991; PARKER, 1991; GAGNOM; PARKER, 1994; LOURO, 1999) no campo das ciências sociais – para nossa compreensão dos fenômenos da sexualidade, elegemos como objetivos:

- a) propiciar a livre expressão do pensamento e dos sentimentos relacionados a vivência afetivo-sexual na adolescência;
- b) responder às necessidades dos alunos e das alunas fornecendo informações de qualidade sobre a sexualidade humana em suas várias dimensões e diferentes expressões;
- c) problematizar os projetos de masculinidade e feminilidade em construção na experiência pessoal de cada um(a), discutindo posturas, tabus e preconceitos que dificultam uma atitude positiva frente a própria sexualidade e a sexualidade dos outros;

- d) oferecer elementos para que cada um(a) pudessem ampliar sua capacidade de fazer escolhas e tomar decisões no processo de construção da sua sexualidade como homem ou como mulher;
- e) problematizar as práticas cotidianas que evidenciam a desigualdade de gênero na cultura brasileira, buscando contribuir no esforço de superação da dupla moral sexista.

Assim, no contexto desse trabalho, referir-se à sexualidade implica tratar das formas – socialmente construídas – de viver o fato inevitável de ser sexuado, ou seja, sobre a base sexual biológica dada pela natureza – macho e fêmea. Os sujeitos, em constante interação com a cultura, desenvolvem seu modo próprio de estar presentes no mundo e na história, como homens ou como mulheres. Concordando com Louro (1999) compreendemos a *cultura* como uma rede de significados onde o sujeito se inscreve – é produzido e, ao mesmo tempo, produz a cultura.

Como realidade dinâmica, sempre em movimento, a cultura pode ser representada como um palco de negociações, onde o poder de barganha de cada um(a), está diretamente ligado a sua condição de gênero. A cultura sexista estabelece, com acentuada rigidez, o que é próprio do masculino e o que é próprio do feminino, implicando na auto-exclusão e/ou na mútua-exclusão de um grande número de importantes experiências cotidianas para o processo de crescimento de homens e mulheres como pessoas. A força dos mecanismos sociais que oferecem sustentação a esse processo de exclusão em diferentes contextos sócio-culturais e, a abrangência das práticas de exclusão no que se refere à faixa etária, classes sociais, raça e religião apontam para a instalação de uma “cultura da exclusão”, como condição determinante e ao mesmo tempo produto das relações de gênero. Portanto, entendemos como Scott (1991) que a condição de gênero, enquanto “forma primeira de significar as relações de poder”, está na base do código social que estabelece padrões diferenciados de conduta para homens e mulheres nos vários setores da vida social:

[...] Seria melhor dizer que o gênero é um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado. O gênero não é o único campo mas ele parece ter constituído um meio persistente e recorrente de tornar eficaz a significação do poder no ocidente... (SCOTT, 1991, p.5)

Isso significa que a vivência sexual pode resultar em conseqüências diferenciadas para homens e mulheres, não só do ponto de vista biológico, mas também no que se refere à compreensão de si mesmo, do outro e de suas relações.

4 Pressupostos metodológicos: o sujeito como ponto de partida e ponto de chegada

A educação sexual envolvendo adolescentes a partir dos 10 anos, no âmbito da escola, pode ser realizada através de atividades sistemáticas, preparadas e conduzidas por educador preparado para abordar as questões relativas a sexualidade humana. Assumir as atividades de educação sexual, como responsabilidade da escola, não implica que as mesmas devam ser estruturadas com a mesma lógica que caracteriza as demais áreas de atuação pedagógica. Por tratar-se de uma temática cercada de tabus e preconceitos, faz-se necessário uma postura metodológica de desbloqueio da linguagem, bem como de valorização de outras formas de comunicação, para além da palavra. Abordar as questões relativas à sexualidade significa pensar a vida na sua totalidade, como projetos de masculinidade e feminilidade em construção. O processo será sempre desencadeado a partir da vivência dos adolescentes, por meio de dinâmicas que permitam a expressão de cada um e do grupo sobre o tema central da atividade, cabendo ao educador, que coordena o processo, organizar o material fornecido pelo grupo, problematizá-lo e devolvê-lo para novo processo reflexivo. A ampliação das informações e a revisão crítica das condutas pessoais e sociais ocorrerão no decorrer do processo com o necessário cuidado e respeito à diversidade de opiniões e valores dos educandos:

Ao atuar como um profissional a quem compete conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, o professor deve ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas. (BRASIL, 1997, p.123).

No esforço de uma abordagem equilibrada que valorize igualmente as dimensões cognitiva e emocional do sujeito, escolhemos os recursos da Oficina como referencial metodológico adequado, onde é possível resgatar aspectos do cotidiano de cada um e problematizar as práticas e os sentimentos experimentados nesse cotidiano. O esforço

coletivo de busca dos elementos, para a compreensão das questões em debate na turma, é o momento, nem sempre fácil, mas privilegiado de interação e troca, onde os “saberes”, de educador e educandos, são compartilhados em momentos de forte aprendizado para o diálogo e para a convivência na diferença. Nesses momentos do ato educativo, a vivência afetiva e sexual que acontece na família, no bairro, no clube, no sítio entre outros espaços, faz - se conteúdo:

Não é apenas em portas de banheiros, muros e paredes que se inscreve a sexualidade no espaço escolar; ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. (BRASIL, 1997, p.113).

Importa criar condições e fornecer elementos que sustentem este “sujeito sexual” (PAIVA, 1996, p. 216) que, com suas escolhas, seus gestos e suas atitudes, constrói a própria história e interfere na história do outro.

5 O projeto na prática: narrativas da sala de aula

As atividades do projeto foram iniciadas na quarta série, já na primeira semana do ano letivo. O primeiro encontro com as turmas³ foi dedicado a apresentação do educador e dos educandos, através da construção da “Linha da Vida”. Cabia ao educador a iniciativa de dar o primeiro passo nesse esforço de construção da relação de confiança e cumplicidade essencial quando se trata de intervenção no campo da sexualidade. Ao construir a própria “linha da vida” no quadro, o educador compartilhava com a turma, eventos marcantes de sua trajetória familiar, profissional, efetiva e acadêmica, preservando, assim, um dos pressupostos teórico-metodológicos fundamentais da prática das oficinas em sexualidade: o conteúdo objeto de estudo naquele espaço era a história de cada um e de todos.

A prática das “oficinas” consiste precisamente na prática do ofício de pensar e sentir sobre a vida em vista de pequenas e grandes transformações. Se, para o marceneiro, a madeira é a matéria a ser transformada em objeto útil pela força do seu desejo e das suas ferramentas, para o grupo “em Oficina”, a matéria do seu trabalho é a

³ O número de alunos nas turmas de 4ª série nesta escola não ultrapassava 34 ou 35.

história de cada um e a história de todos que poderão ser reveladas e transformadas pela força dos argumentos e dos sentimentos compartilhados. A vivência da “Oficina” implica este esforço pedagógico pessoal e coletivo, com a racionalidade e a objetividade próprias da pedagogia, associado à abordagem da dimensão afetiva-emocional da pessoa, que permita a desconstrução e reconstrução social dos valores, das crenças, dos preconceitos e dos tabus, social e historicamente construídos. (RENA, 2001, p. 48).

Esse mesmo esforço de compartilhar a história foi solicitado aos educandos de forma individual e lhes assegurou o direito de querer comunicar aos outros a experiência de sua “linha da vida”. Alguns o faziam com toda a turma, outros somente com o educador, outros com algum colega em especial. Ao final, todos ampliaram o conhecimento de si e dos colegas e, as “linhas da vida”, do educador e dos educandos, se confundiram na experiência pedagógica que se iniciava.

O segundo encontro foi organizado em torno da obra do agrimensor Tinoco (1984). A turma fez a leitura coletiva do livro *Borboleta Monarca* que, projetado em multimídia, apresentava, com riqueza de detalhes, o ciclo da vida de uma borboleta muito comum nos arredores da cidade. Após a leitura, os educandos eram provocados a identificar semelhanças e diferenças entre o inseto e o ser humano. Desse esforço de problematização, realizado em duplas, surgiu a grande questão a ser discutida: *O que fazer com o desejo que emerge, mobiliza os sentimentos, colocando à prova meus valores e minhas relações com o mundo?* Respondendo a essa questão tão fundamental, construímos um sentido para nossa convivência e para nossa escolha de buscar entender o que acontece a cada pessoa, que se vê na puberdade e na adolescência.

Ao apresentar o Projeto Casulo resgatamos os ciclos de vida da borboleta monarca, uma das poucas espécies de borboleta que têm os sexos bem definidos e que submetida à monotonia da sua programação genética, não tem nenhuma chance de reinventar sua história. Isso era necessário ser feito, para demarcar nossa diferença em relação a outros seres vivos que, no que se refere à reprodução, muito se assemelham ao ser humano. A monarca fêmea jamais vai se perguntar porque o perfume do acasalamento lhe é tão irresistível; nem sobre o que aconteceu com seus trezentos ovos depositados nas folhas de um jardim. Homens e mulheres ultrapassam a reprodução biológica e estabelecem vínculos

diversos com seus descendentes não conseguem passar pela vida sem indagar a si próprios e a seus iguais, sobre aspectos fundamentais de sua existência.

O segundo encontro foi concluído com o momento de identificação das demandas da turma em relação às questões relativas a afetividade e a sexualidade. Através de uma ficha previamente preparada e, de forma sigilosa e anônima, cada um(a) levantou questões, temas, dúvidas que foram incorporadas ao conteúdo programático do projeto a ser desenvolvido ao longo de 16 encontros, que ocorreram quinzenalmente, ao longo do ano letivo. Vejamos algumas dessas demandas:

Quando o ser humano percebe que pode ou que está pronto para as relações sexuais?⁴

Qual a diferença de um adulto e uma criança?

Por que tem pessoas que gostam de outras do mesmo sexo e muitas tem preconceito a isso?

Por que quando alguém sente uma “atração” muito grande acaba falando ou fazendo loucura?

Por que são os homens que estupram as mulheres?

Qual é o direito da mulher quando o pai do filho da criança que está esperando não quer assumir e em geral?

Crianças nessa idade tem capacidade de amar?

Porque as pessoas se amam? Porque as pessoas gostam de outra em um dia e no dia seguinte se separam?

O que afetividade e sexualidade tem em comum?

Como nós nos reproduzimos?

Porque os filhos nascem do corpo da mulher?

O que leva as pessoas ser prostituta?

Por que a maioria dos adolescentes fazem sexo sem camisinha?

Por que a família, quando perguntamos como a gente nasce, tem dúvidas se cala ou não fala a verdade.

Porque não se tem filhos quando a mulher bebe um remédio?

(Alunos da 4ª série – 2001)

Essas são algumas das dezenas de indagações apresentadas pelos alunos da 4ª série no segundo encontro de 2001 e, ponto de partida para planejar e executar as ações pedagógicas daquele ano: “Todas essas questões são trazidas pelos alunos para dentro da escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa.” (BRASIL, 1997, p.112).

Ao educador coube a tarefa de agrupar as questões em seis grandes áreas conforme proposição do Fórum Nacional de Educação Sexual:

⁴ Preservamos a integridade dos textos produzidos pelos alunos.

- a) **DESENVOLVIMENTO HUMANO:** O desenvolvimento humano caracteriza-se pelo crescimento físico, emocional e intelectual e sua interação com o meio sócio-cultural e histórico.
 - b) **RELACIONAMENTOS:** O ser humano só se constitui como sujeito em sociedade, por isso os relacionamentos têm um papel central ao longo de nossas vidas.
 - c) **COMUNICAÇÃO:** É importante estar em contato com os próprios valores e sentimentos, e pode comunicá-los.
 - d) **COMPORTAMENTO SEXUAL:** A sexualidade é fundamental para a vida do ser humano, e os indivíduos expressam sua sexualidade de várias maneiras.
 - e) **SAÚDE SEXUAL:** A promoção da saúde sexual através dos cuidados com o próprio corpo requer informações adequadas, atitudes preventivas específicas e o acesso a serviços de saúde de boa qualidade.
 - f) **SOCIEDADE E CULTURA:** O meio social e cultural molda a forma pela qual os indivíduos aprendem e expressam sua sexualidade.
- (FÓRUM, 1994, p.15)

Considerando que 60% das questões levantadas abordavam temáticas relativas à experiência do corpo, os encontros do primeiro semestre foram direcionados para esse tema, tratando o corpo como elemento da identidade, como construto cultural, como experiência erótica e afetiva, como possibilidade da reprodução.

A foto-linguagem foi utilizada para introduzir a temática e preparar os grupos. Uma imagem que registra o encontro de brancos e índios na Amazônia brasileira, publicada na Revista Época, por ocasião dos 500 anos, foi o ponto de partida. A imagem foi projetada e a turma convidada a contemplar a fotografia buscando dar-lhe um título adequado. A apresentação das sugestões de títulos transformou-se em animado debate até que a questão sobre a diferença no tratamento dos corpos foi colocada. A nudez indígena foi confrontada com a necessidade do homem branco ocidental de ocultar seu corpo. Eles compreenderam essas atitudes distintas como expressões das culturas em que cada um está inserido. No entanto, a diferença de tratamento dado ao corpo não impede a convivência, o diálogo e a troca.

O desafio na sala de aula foi, portanto, trabalhar esse tema, reconhecendo que cada um dos colegas, refletindo seu contexto familiar particular, traz consigo um jeito próprio de lidar com o corpo e com a sexualidade. Só então se apresentou a proposta de que cada um deveria produzir o retrato de seu próprio corpo. As produções revelaram a percepção que

cada um tinha de si e, a diversidade existente no grupo no que se referia à exposição do próprio corpo.

6 Atuação do educador: conseqüências para além da sala de aula

A experiência do Projeto Casulo revelou-se como mais uma estratégia de provocação dos diferentes atores que compõe o cenário do processo educativo. Ao mobilizar o adolescente para a discussão sobre seu processo puberal e sua entrada na adolescência, oferecendo condições para que os sentimentos que marcam essa fase da vida sejam compartilhados, acionamos um mecanismo semelhante ao da pedra atirada na calmaria da lagoa, produzindo vários círculos concêntricos, subseqüentes, atingindo raios cada vez maiores. Inevitavelmente, o mundo adolescente e o mundo adulto que o circunda vão sendo convidados, cada vez mais intensamente, a pensar, a se posicionar, a entrar nessa roda de conversa sobre o desafio, cada vez maior, de viver e viver como alguém que é sexuado como masculino ou feminino.

Educador e educandos assim como os pais, irmãos, amigos e outros, diretamente ou indiretamente envolvidos no processo, se vêem permanentemente desafiados, por múltiplas exigências, a se defrontar com as demandas inevitáveis que surgem dos processos que ampliam a capacidade do adolescente de compreender a si mesmo e ao mundo que o rodeia.

Nessa reflexão sobre a prática pedagógica, as exigências que dizem respeito ao educador, sua formação e competência, merecem atenção. Quais são as conseqüências e significado dessa experiência para o “homem” no exercício da paternidade e como profissional comprometido com a docência e com a investigação? O “homem” se vê obrigado a rever permanentemente seu projeto de masculinidade em construção, profundamente marcado pelas regras e normas morais de uma sociedade falocêntrica e patriarcal.

E o que é um homem em construção na cultura em que estamos imersos? É aquele que para merecer o “falo” se afirma pela negação. *Homem que é homem não chora, não entrega os pontos, não falha na hora “H”, não perde a parada, não apanha na rua, não*

fica por baixo, não sai no prejuízo, não corre de outro homem, não nega fogo, não leva desaforo prá casa. E muitos outros “nãos” que lhe são impostos durante a vida.

Nos esforçamos até para esquecer que, durante longos nove meses, habitamos as entranhas de uma mulher, tamanho é o medo que a homofobia nos impõe. “Ser homem e ser poderoso se confundem no nosso imaginário com repercussões graves em todas as nossas relações” Nolasco (1995). E negar esse poder ou negociá-lo custa tanto quanto exercê-lo. Não tem sido fácil, mesmo para a classe média, ensaiar um novo modelo de masculinidade que supere o modelo predatório que “*lava a honra com sangue ou mata por amor*”.

Se a sala de aula é o espaço que privilegia o discurso, a casa, enquanto espaço da família, é o lugar dos gestos e as atitudes se sobrepõem ao discurso. Aqui se coloca o desafio de traduzir nas relações cotidianas do mundo doméstico, majoritariamente feminino, o discurso que preconiza a reorganização das relações de gênero numa perspectiva mais igualitária, uma relação mais positiva com o corpo, uma parceria mais efetiva no cuidado das meninas.

Recentemente, fui severamente advertido por um grupo de alunas da 5ª série que, no dia anterior, havia presenciado uma atuação do professor-pai junto às filhas, na saída do colégio. Criticaram o meu excesso de rigor e pediram para que eu fosse mais compreensivo. A advertência me fez pensar sobre a situação vivenciada e, reconhecer que, de fato há momentos em que o macho, fiel à pauta de conduta imposta pela cultura, emerge desumanizando a pessoa e as suas relações.

Para mim, profissional inserido no trabalho, o Projeto Casulo foi um tempo de permanente aprendizado, capaz de sustentar o movimento no sentido de ampliar a compreensão sobre essa fascinante dimensão humana da sexualidade. Em cinco anos de trabalho, foi necessário refinar a escuta e, sobretudo, apurar o olhar, como instrumentos fundamentais nessa interação educador/educando. A realidade exige o enfrentamento de situações diversas que exigem mais equilíbrio e serenidade, que ultrapassam para além do conhecimento teórico.

No ano 2000, durante uma das Oficinas com um grupo da 6ª série, um aluno retirou do bolso algumas páginas e pediu uma explicação para o que estava contido nelas. Ao abrir as páginas, deparamo-nos com um arsenal de objetos utilizados em práticas

sadomasoquistas. Ficou estabelecido, que o comentário do material aconteceria ao final da Oficina, continuando a discussão sobre a potencialidade erótica do ser humano. E, assim foi feito. Ao final, as páginas foram exploradas, comentando-se sobre cada um dos objetos ali reproduzidos: algemas, chicotes, esticadores de braço, próteses penianas enormes. Também foram comentadas as implicações do uso daqueles objetos e, os riscos que ofereciam.

A situação permitiu refletir com aquele grupo algo fundamental: *na concepção, recebe-se um corpo sexuado sem chance de escolher o sexo que vai marcá-lo definitivamente*. Cabe a cada um de nós, de acordo com os nossos valores, escolher como viver o fato de ser sexuado. Há aqueles e aquelas que escolhem associar o exercício da sexualidade à dor e à possibilidade da morte e, há aqueles que escolhem exercer a sua sexualidade com prazer, em função da vida.

Referências

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M., *Adolescência normal*. 7.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- AFONSO, Lúcia. *A polêmica sobre adolescência e sexualidade*. Belo Horizonte: Ed. do Campo Social, 2001.
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. *A Construção social da realidade*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual*. v. 10. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CHAUÍ, M. *Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida*. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL. *Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º grau*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- GAGNON, J.; PARKER, R.G. Reconcebendo a sexualidade. *Sexualidade, gênero e sociedade*. Rio de Janeiro, n.1, jun.1994.
- LOURO, Guacira L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- NOLASCO, Sócrates (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PAIVA, Vera. Sexualidades adolescentes: escolaridade gênero e o sujeito sexual,. IN: BARBOSA, Regina; PARKER, Richard. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

PARKER, R.G. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

PARKER, R.G. et al (Orgs.). *A AIDS no Brasil (1982-1992)*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1994.

RENA, Luiz Carlos C. B. *Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: S.O.S. Corpo, 1991.(Mimeog.)

TINOCO, Roberto Muylaert. *Borboleta Monarca*. São Paulo: Moderna, 1984.

Recebido: outubro/2003
Aprovado:novembro/2003